

**EM TORNO DE OBSERVAÇÕES PARA UMA TEORIA GERAL DAS
IDEOLOGIAS, DE THOMAS HERBERT**

Carolina RODRÍGUEZ-ALCALÁ
Laboratório de Estudos Urbanos / Iel
Unicamp

O texto “Observações para uma teoria geral das ideologias”, assinado por Pêcheux sob o pseudônimo Thomas Herbert, foi publicado em 1967, dois anos antes, portanto, da publicação de *Análise Automática do Discurso* (1969), texto fundador da Análise do Discurso (AD). Ele constitui um registro muito elucidativo desse momento primeiro na constituição de uma disciplina, que o próprio Pêcheux chama de “trabalho teórico-conceitual”, no qual ela “se dá a palavra” e efetua a “transformação produtora” de seu objeto. O texto está muito marcado, por outro lado, pelo jargão do discurso político da época e é bastante hermético para quem não está familiarizado com ele. Mas o que cabe discutirmos aqui são as questões que Pêcheux formula nesse texto, que são as mesmas que ele procura responder ao longo de sua obra e aquelas que tentamos responder os que trabalhamos nesse campo de reflexão instaurado por ele.

Qual é o objeto que a AD proposta por Pêcheux transforma e a partir de quais instrumentos conceituais? Pêcheux mobiliza conceitos originários da teoria marxista e da psicanálise freudiana, na respectiva releitura feita por Althusser e Lacan, para repensar a língua saussuriana e formular um novo objeto: o discurso. Encontramos em “Observações...” referências muito diretas e freqüentes a essas outras disciplinas, o que é característico desse primeiro esforço de delimitação das questões próprias à nova disciplina a partir de instrumentos fornecidos por aquelas.

O que une esses autores é um gesto epistemológico comum, o de subverter nos respectivos campos disciplinares as evidências da ordem humana como sendo estritamente bio-social, através do reconhecimento da castração simbólica

que caracteriza a estrutura do humano. O sujeito, o “animal simbólico”, e a língua, matéria simbólica por excelência, constituem, portanto, noções fundamentais nessa empresa teórica, embora se situem em planos diferentes conforme o foco de cada disciplina.

Se o objeto de Lacan é o sujeito do inconsciente freudiano, cuja condição é a linguagem, a ideologia não tem nele as mesmas implicações que a referência à linguagem. É interessante porém lembrar que Freud não desconhece a questão político-econômica formulada pelo marxismo, o que vemos na citação desse autor que Pêcheux faz em seu texto:

*“Do ponto de vista da educação, a sociedade considera como uma das suas tarefas essenciais frear o instinto sexual quando ele se manifesta como vontade de procriação, de limitá-lo, de submetê-lo a uma vontade individual se inclinando a uma vontade social. A base sobre a qual repousa a sociedade humana é, em última análise, de natureza econômica: não possuindo meios suficientes de subsistência para permitir a seus membros viver sem trabalhar, a sociedade é obrigada a limitar o número de seus membros e desviar sua energia da atividade sexual para o trabalho.”
(Freud apud Herbert 1967)*

O sujeito de Althusser, por outro lado, é o sujeito da ideologia, mas ele não estava diretamente interessado na análise lingüística, apesar de reconhecer a ela um papel central na constituição subjetiva, ao postular as duas evidências fundamentais nesse processo, a saber, a evidência do sujeito e a transparência da linguagem.

É precisamente aí que Pêcheux intervém, introduzindo o discurso como objeto em cujo funcionamento se opera a ligação entre inconsciente e ideologia, isto é, entre os complexos mecanismos de elaboração e articulação da *individualidade* do sujeito e da natureza *social* de sua existência. É na e pela língua, enquanto base material do discurso, que são produzidas as ilusões que colocam o sujeito no centro e origem de seus pensamentos e de suas intenções, constituindo o *ser da consciência individual* e o *ator social*, objetos da reflexão crítica da psicanálise e do marxismo. Como disséramos em outra ocasião

(Rodríguez 2000), por Freud sabemos que o sujeito não é onde se *pensa*, pois sua consciência está descentrada pelo inconsciente; por Marx, que o sujeito não *age* onde *tenciona*, pois suas intenções estão descentradas pela ideologia (o *Outro* da história, como diz Eni Orlandi); por Pêcheux, que isso se dá em e através dos mecanismos lingüísticos que sustentam o discurso. Pêcheux desloca assim a dicotomia língua/fala para a relação, não dicotômica, língua/discurso. Nesse movimento a língua se transforma, tornando-se o lugar da falha, do equívoco, da luta política, o que põe em questão a autonomia absoluta do sistema pressuposta pela Lingüística. É esse o gesto que Pêcheux faz em relação a Saussure e que lhe dá um lugar nessa trilogia de autores que ele não deixa jamais de mencionar.

MARX [→ ALTHUSSER]	sujeito da IDEOLOGIA
FREUD [→ LACAN]	sujeito do INCONSCIENTE
SAUSSURE [→ PÊCHEUX]	sujeito do DISCURSO língua [ideologia / inconsciente]

Das várias leituras que podemos fazer deste texto de Pêcheux e do conjunto de sua obra, de modo geral, gostaria de destacar este aspecto, que foi sempre o fio que conduziu minha própria leitura da AD e minha prática analítica, a saber, o da AD como uma teoria que, no campo disciplinar dos estudos da linguagem, incorpora a idéia de *descontinuidade*, de *não-coincidência entre a ordem natural e a ordem humana* que marcou a virada epistemológica do século XX, feita sob o signo do antipositivismo. É nesse sentido que Pêcheux adota e reelabora discursivamente a noção althusseriana de ideologia como mediação necessária entre o homem e suas condições materiais de existência. A ideologia é, do ponto de vista do discurso, esse trabalho simbólico-e-político sobre o real

natural que se opera *na língua* e do qual resulta e se desenvolve a vida humana; sua eficácia provém do fato de que seu funcionamento é da ordem do inconsciente.

A dupla forma da ideologia

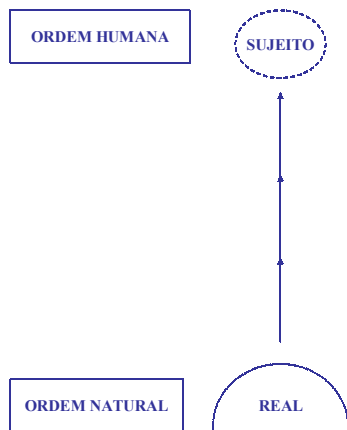
Pêcheux distingue duas formas predominantes de ideologia, que funcionam segundo ilusões e esquecimentos específicos.

A forma empírica da ideologia

A forma empírica da ideologia diz respeito à relação entre uma “significação” e a “realidade” que lhe “corresponde”, entre “significante” e “significado”. Nesse “eixo semântico (vertical)”, diz Pêcheux, a relação entre as palavras e as coisas é tomada como uma relação natural, direta, e a língua como o “código” que permite nomeá-la. O homem assume aí, segundo o autor, uma “função de real”, constituindo o “animal ecológico” que “organiza e etiqueta” seu meio, produzindo e distribuindo significações na superfície da “realidade”, concebida como meio do “animal humano”.

O que se esquece nesta forma da ideologia, diz Pêcheux, é a especificidade simbólica do “animal humano”, ao se considerar a gênese da ordem do simbólico no interior da ordem biológica, pressupondo-se uma passagem contínua e homogênea entre a ordem natural e a ordem humana:

Gráfico 1



Não há gênese do significante, diz Pêcheux, o que anula a idéia da produção-distribuição de significantes própria da ideologia empirista: “a relação significado-significante resulta de uma propriedade da cadeia significante que produz, pelo jogo de uma necessária polissemia, os ‘pontos de ancoragem’ pelos quais ela se fixa num significado”.

A forma especulativa da ideologia

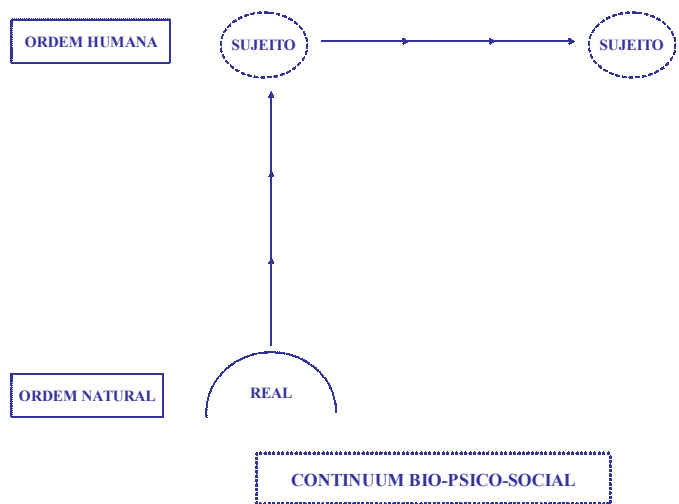
Na forma especulativa da ideologia, ou “eixo sintático (horizontal)”, o que está em jogo é a articulação das significações entre si, a relação significante-significante, sob a forma geral do discurso. O homem torna-se aqui, diz Pêcheux, o animal social, isto é, “o animal dotado de linguagem que se controla a si mesmo graças à linguagem”. As relações entre sujeitos são aqui entendidas enquanto relações “naturais” cuja natureza seria precisamente a natureza lingüística do “animal humano” como animal social apto para intercambiar significações codificadas.

Nesta forma da ideologia, afirma Pêcheux, o esquecimento resulta de um desconhecimento da relação existente entre o *efeito de linguagem* (ou *efeito significante*) e o *efeito de sociedade*. A questão central aqui é a diferença entre

“relações naturais” e “relações sociais”. Estas últimas nunca foram “naturais” para depois deixar de sê-lo um dia. Existe um recalque da instância política, na idéia de que toda sociedade seria um mero sistema em funcionamento, cujos membros se comunicam intersubjetivamente com a ajuda de “códigos”.

As determinações da sociedade, assim como aquelas da instância psíquica do sujeito, são remetidas à realidade natural, produzindo-se a idéia de um *continuum* bio-psico-social que é resultado da articulação de ambas as formas da ideologia descritas por Pêcheux:

Gráfico 2



A Questão da Ciência

Os sujeitos da ciência, enquanto sujeitos da linguagem, não escapam às determinações ideológicas características do momento histórico e das sociedades em que vivem. A teoria geral das ideologias proposta por Pêcheux neste texto busca dar conta do estado atual das ciências, dominadas pelo paradigma (neo) positivista, que pode ser caracterizado pelo fato de considerar a vida humana como um fenômeno natural. As ciências naturais estariam inscritas na forma empirista da ideologia, reproduzindo a ilusão da possibilidade de um acesso direto

à natureza, cujas leis o cientista “descobre” e “formaliza” através da observação dos dados e da experimentação. As ciências sociais reproduziriam as ilusões da ideologia especulativa, pelas quais se considera que as relações sociais são relações “naturais”, baseadas em “necessidades biológicas” e “afetivas” dos indivíduos que “se reconhecem” como membros de uma comunidade. Mas se a explicação da realidade humana responde a leis naturais, as ciências da natureza adquirem uma clara preeminência sobre as ciências humanas, que seriam um prolongamento daquelas, pressupondo seus objetos, métodos e técnicas. É a esse fato que Pêcheux se refere quando critica as ciências sociais, ao afirmar que em sua forma atual as mesmas se revelaram como a aplicação de formas técnicas a uma ideologia das relações sociais, fazendo com que tais ciências ainda estejam numa fase pré-científica, isto é, não tenham saído da primeira fase da “transformação produtora” de seu objeto (operada para Pêcheux, é claro, pelo marxismo) para a fase de sua “reprodução metódica”.

Podemos lembrar aqui de dois exemplos que havíamos citado anteriormente (cf. RODRÍGUEZ 1998), muito ilustrativos dessa perspectiva que na ocasião chamáramos de “naturalista”. Em primeiro lugar, uma afirmação de Karl Popper sobre a complexidade das ciências sociais, devida, segundo o autor,

“[...] ao fato de a vida social ser um fenômeno natural que pressupõe a vida mental dos indivíduos, isto é, a Psicologia, que, por sua vez, pressupõe a Biologia, que, por seu turno, pressupõe a Física e a Química. O fato de a Sociologia colocar-se no último degrau dessa hierarquia de ciências patenteia claramente a extrema complexidade dos fatores presentes na vida social.” (POPPER/1957/ 1993, p. 13).

Em segundo lugar, um trecho da entrevista concedida por Claude Lévi-Strauss ao jornal *Folha de São Paulo*, em 03/10/1993:

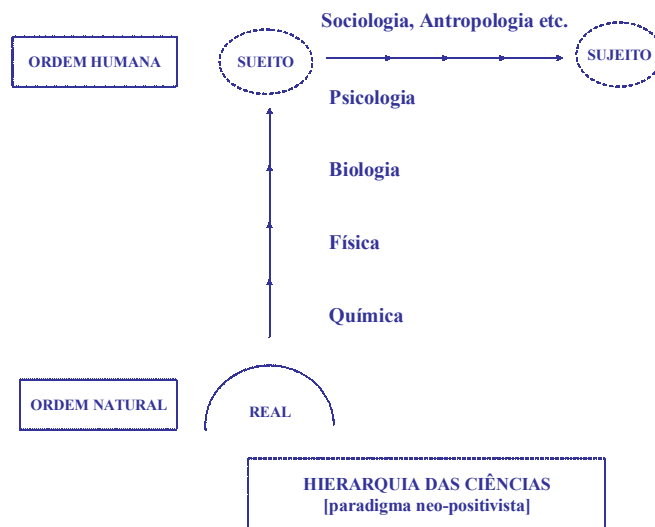
“*Folha* – Cada vez mais, questões que eram tratadas pelas ciências humanas, pela sociologia, pela psicanálise, ganham respostas e soluções pela biologia, pela neurobiologia etc. O sr. acha que outros discursos científicos, mais precisos, estão tomando o lugar das ciências humanas?

Lévi-Strauss – Isso sempre aconteceu na história da ciência. Continua acontecendo de uma forma lenta e restrita. Estou convencido de que muito de nossas pesquisas, da psicologia, da sociologia, são modos provisórios de apreender fenômenos que tratamentos mais sérios vão acabar solucionando. Augusto Comte já tinha dito isso antes de mim.”

Essa visão é a mesma que sustenta as pesquisas empenhadas em encontrar as “causas orgânicas” do funcionamento da psique, como serem, por exemplo, a “descoberta” dos “genes” responsáveis pela esquizofrenia ou da “origem química” da depressão —daí o referido caráter “menos sério e preciso” da psicanálise em relação à biologia ou à neurobiologia.

Essa hierarquia de ciências estabelecida está apoiada, como podemos ver, na idéia do referido *continuum* bio-psico-social que caracterizaria o funcionamento da vida social, o que poderíamos visualizar no seguinte gráfico:

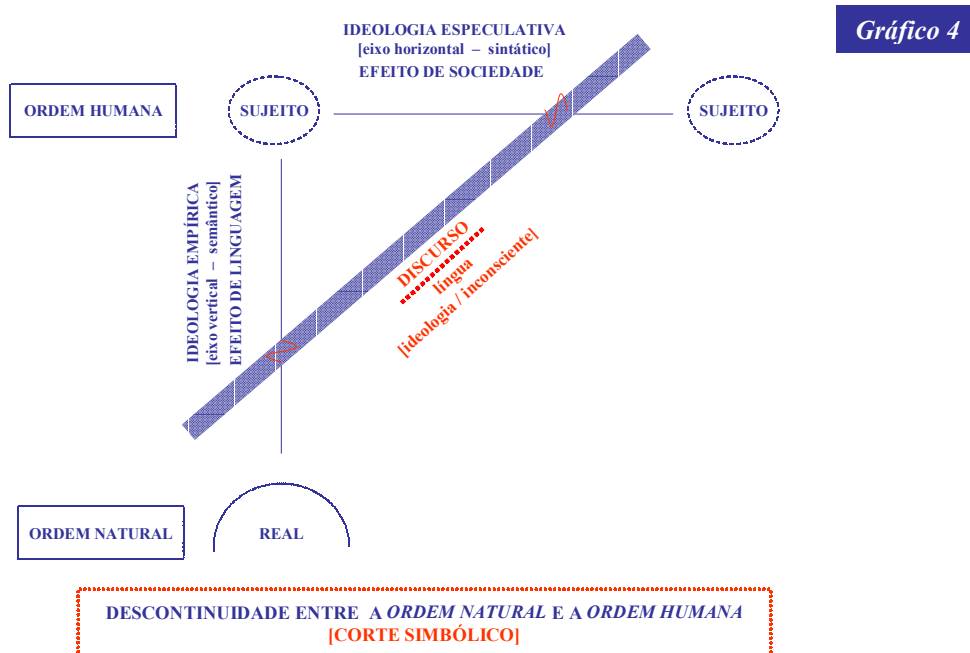
Gráfico 3



O Corte Simbólico

Reconhecer o corte simbólico do qual se constitui a vida humana significa considerar que a ordem humana não é o reflexo da natureza, mas o resultado de um trabalho sobre ela. É esse o legado da trilogia Freud/Marx/Saussure: a realidade psíquica do sujeito não é o reflexo de seu corpo biológico, as relações

sociais não são a extensão de necessidades naturais comuns nem os sentidos da língua emanam das coisas do mundo. A contribuição de Pêcheux é a de formular os mecanismos lingüísticos (discursivos) que intervêm nesse processo e que fazem com que a passagem entre a ordem natural e a ordem humana não seja direta, transparente nem homogênea:



É Possível uma Ciência da História?

É essa a pergunta que Pêcheux se faz num dos seus últimos textos (*O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?*) e que, enquanto intelectual marxista, constitui desde o primeiro momento o horizonte de sua reflexão sobre a linguagem. É esse o sentido de sua crítica ao neopositivismo, enquanto a forma predominante de negação da história nas sociedades atuais assim chamadas “ocidentais”. Conceber a realidade humana enquanto fenômeno natural significa desconhecer o caráter político, logo histórico e contingente dos mecanismos que regulam a vida social —as leis naturais são necessárias e imutáveis, estando, portanto, fora da história. Isso impede pensar que as sociedades podem mudar, podem ser outras, podem funcionar diferentemente,

O reconhecimento do político é, assim, a única via para a constituição de uma “ciência da história”, desde que não o “naturalizemos”, ao identificá-lo com a organização política das necessidades “naturais” comuns dos “grupos humanos”. O político diz respeito às relações de poder que regem as sociedades, elaboradas em e através do funcionamento da língua e segundo mecanismos inconscientes. Ao trazer a reflexão sobre a língua saussuriana, afetada pelo inconsciente freudiano, para pensar o político, Pêcheux permite evitar certos desenvolvimentos mecanicistas do conceito marxista de ideologia enquanto “alienação” ou “falsa consciência”, que impediriam a visão da “realidade”. A noção discursiva de ideologia introduz o equívoco, a falha, o esquecimento, a contradição como elementos estruturantes do político, dos quais não é possível se “desalienar”, e em cujo funcionamento deve ser levada em conta a materialidade da língua.

Bibliografia

- HERBERT, Thomas (Michel PÊCHEUX). “Observações para uma Teoria Geral das Ideologias”, *Rua*, 1. Campinas: Nudecri/Unicamp, 1994 (1ª ed. 1967)
- ORLANDI, Eni. *Interpretação. Autoria, Leitura e Efeitos do Trabalho Simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.
- _____. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Campinas, Pontes, 1990 (1ª ed. 1988).
- POPPER, K. *A Miséria do Historicismo*. São Paulo: Cultrix, 1993 (1ª ed. 1957).
- RODRIGUEZ, Carolina. “Sentido, Interpretação e História”, ORLANDI, Eni P. (org.), *A Leitura e os Leitores*. Campinas, Pontes, 1998.
- _____. *Língua, Nação e Nacionalismo. Um Estudo sobre o Guarani no Paraguai*. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp em junho de 2000.